



A força do trabalhador
de Minas Gerais

Bancários EM AÇÃO

Data-base: união garante conquistas da categoria frente às instituições bancárias

Campanha Nacional 2016 é oportunidade de lutar contra retrocessos propostos por Michel Temer



Assembleia dos bancários em São Paulo, durante campanha salarial, na década de 1980

É sabido que a união de sujeitos sempre fortalece as lutas às quais se propõem a enfrentar e não é diferente com a categoria dos bancários. Pelo contrário, a nossa união é o que nos permite alcançar melhorias e transformações, que trazem benefícios a todos. Exemplo disso foi a unidade apresentada por nossa classe em 1982. À época a população em geral passava por graves dificuldades financeiras num período marcado por sucessivos governos militares, arrocho

salarial e forte intervenção nos sindicatos.

Para José Carlos Bragança, presidente do SEEBI, a união é grande diferencial frente às lutas dos bancários e que a unificação da data-base foi um grande primeiro passo nesta direção. "A Unificação da data-base de toda a categoria bancária em 1º de setembro representava o crescimento das lutas por melhores condições de trabalho, melhores salários e esboçava a construção da unidade dos bancários, crucial na conquista de novos direitos ano a ano".

A tão sonhada unidade nacional da categoria foi conquistada a partir de intensas mobilizações históricas e a criação de instituições específicas para dar voz às reivindicações dos bancários. Foi criada em junho de 1985, no Encontro Nacional dos Bancários, no Rio de Janeiro, a Comissão Nacional de Negociações, formada por sindicatos, federações e a Contec (Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito), que reunia as principais tendências políticas do movimento.

As vésperas da primeira grande greve nacional dos bancários, foi fundado, no dia 6 de junho, de 1985, o Departamento Nacional dos Bancários da CUT (DNB-CUT). A histórica greve da categoria, depois do golpe militar de 1964, ocorrida nos dias 11 e 12 setembro de 1985, foi aprovada no Encontro Nacional dos Bancários, realizado no ginásio do Guarani, em Campinas, no dia 31 de agosto de 1985. O evento reuniu cerca de 10 mil bancários. No avanço da unidade nacional, o DNB-CUT, apresentou à Fenaban em 1991, a Minuta Mínima Unificada, com as reivindicações dos bancários de todos os bancos, e no ano de 1992, foi assinada a primeira Convenção Nacional dos Bancários. As ações dos bancários são modelo de organização para trabalhadores brasileiros e de outros países, pois a classe está entre as poucas categorias, até hoje, que conseguiram conquistar uma Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) nacional.

Conquistas dos Bancários

Nos últimos 12 anos, unidade nacional e determinação asseguraram 20,83% de ganho real nos salários, 42,3% nos pisos e 26,3% nos vales. A primeira Convenção Nacional, em 2005, que contou com a participação dos bancários do Banco do Brasil e da Caixa, também figura como grande conquista para os bancários.





Campanha Nacional

A Campanha Nacional já teve início e é fundamental a participação de todos no fortalecimento das nossas lutas por melhorias. Este ano, o mote escolhido é “Só a luta te garante” e traz a imagem de uma rosa, que é símbolo de diversas lutas históricas pelo mundo. Bragança explica que “a campanha chama todos os bancários para o momento atual: reivindicar as melhorias necessárias para que possamos desempenhar bem nossas funções. Além disso, a categoria pretende chamar atenção de toda a população sobre os problemas que serão enfrentados caso o governo interino consiga passar diversos projetos de lei que só

enfraquecem os direitos conquistados ao longo dos anos, por meio das lutas de diversas categorias de trabalhadores, incluindo os bancários”.

A Consulta Nacional 2016, realizada com os bancários, para construção da pauta de reivindicações, demonstrou, que entre os mais de 40 mil trabalhadores que responderam à pesquisa, 76% são contrários à reforma da Previdência Social e 85% não querem a redução de direitos da CLT, conforme está sendo proposto pelo governo interino de Michel Temer.

O presidente da Contraf-CUT e um dos coordenadores do Comando Nacional dos Bancários, Roberto von der Osten, reforça que a categoria está preparada para mais uma luta

heroica, diante de tantos ataques e ameaças aos direitos dos trabalhadores, após a entrada do governo interino de Michel Temer. “Nossa categoria tem uma história de enfrentamento em várias frentes, mas este ano estamos surpreendidos com a voracidade do congresso. Querem transformar as leis em principais adversárias dos trabalhadores e modificar direitos conquistados há muito tempo. Os principais ataques desferidos pelo parlamento acontecerão durante as negociações, conflito e contratação com as empresas do ramo financeiro. Mas vamos resistir com nossa unidade e mobilização nacional”, afirmou.

Financiários se unem em Campanha Nacional

Mobilização e organização pressionam bancada patronal a negociar



A quarta rodada de negociação foi marcada para a próxima terça-feira (30)

A organização e a mobilização dos financeiros já começaram a fazer a diferença. Isso ficou claro na terceira rodada de negociações da Campanha Nacional 2016, realizada na terça-feira (23), em São Paulo, entre a Contraf-CUT e a Federação Interestadual das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (Fenacrefi).

Um dia após o Dia Nacional de Luta, realizado em todo o país na segunda-feira (22), a bancada patronal sentou à mesa com postura mais respeitosa. Eles sinalizaram a possibilidade de avançar no abono assiduidade. A reivindicação da categoria é utilizar a mesma redação da Convenção Coletiva de Trabalho dos Bancários (CCT).

De acordo com Carla Coelho Silva, secretária geral do SEEBI, estão sendo realizados diversos eventos e encontros com os financeiros com o objetivo de mostrar a importância da mobilização de toda a categoria para que as reivindicações

sejam atendidas. "Já realizamos, neste ano, a primeira Conferência Nacional dos Financeiros e, agora o Dia Nacional de Luta. A exemplo do que fazemos entre os bancários, a união de toda a classe é que mostrará a nossa força e pressionará a bancada patronal na mesa de negociações. Isto é mais um passo rumo a construção de uma CCT para os financeiros".

Outra reivindicação que teve retorno foi o auxílio educação. O tema, porém, deve ser negociado em debate individual com as financeiras. Já a cláusula 80, que rege sobre complementação do auxílio doença, a Fenacrefi rejeitou a reivindicação de que o valor seja complementar ao salário do trabalhador. A justificativa é que a proposta atingiria uma grande parte dos trabalhadores e as financeiras não tem como arcar com este custo.

Para Katlin Salles, diretora do Ramo Financeiro da Fetec-CUT/PR, é preciso

avançar na pauta do auxílio complementar. "O trabalhador que está em tratamento médico, que muitas das vezes é por doença do trabalho, não consegue se manter com um valor mensal de R\$ 586,61. O Dia de Luta Nacional chegou até os representantes das financeiras pois demonstraram a intenção de finalizar o mais breve possível com a campanha temendo que o avanço das negociações chegue a uma possível greve dos financeiros", destaca.

A quarta rodada de negociação foi marcada para a terça-feira (30). "Sabemos que a Fenacrefi tem amplas condições de atender os financeiros, esperamos que, nas próximas mesas, avancemos e consigamos conquistar melhorias para os trabalhadores", disse Jair Alves dos Santos, diretor da Contraf-CUT e coordenador da Comissão de Organização dos Financeiros.

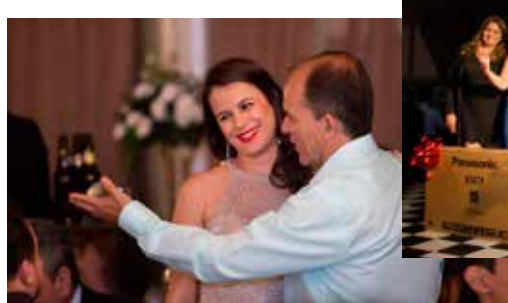
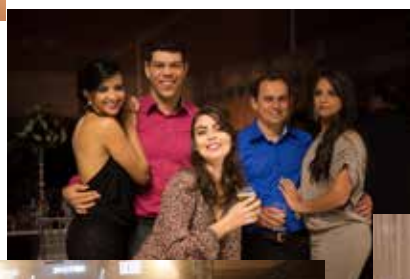
Solidariedade e diversão marcam Baile dos Bancários

O tradicional Baile dos Bancários, realizado anualmente pelo SEEBI, aconteceu em 13 de agosto e trouxe a oportunidade de ajudar O Lar dos Idosos Paulo de Tarso.

Além de se divertir, encontrar e socializar com os demais colegas bancários, a classe contribuiu para a manutenção da instituição. Foram arrecadados

TANTAS COISAS. A banda Sputnik, uma banca com grande repertório eclético, marcou presença e animou a festa. Confira os principais cliques do baile.





Bancos abocanham mais de 40% do orçamento da União

Diminuir repasses à educação e saúde não é saída de crise

A humanidade vive sob o domínio de um sistema baseado no capital. No centro desse sistema estão os bancos. Eles são os principais promotores e, ao mesmo tempo, beneficiários do Capitalismo. Não existe outra organização no planeta que tenha lucros tão exorbitantes quanto a deles. Nenhuma empresa ou indústria recebe tantos benefícios e mordomias dos governos quanto as instituições bancárias.

Os bancos fomentam a concentração da riqueza; uma das consequências naturais do Capitalismo. Para isso, são capazes de saquear países inteiros. No Brasil, por exemplo, cerca de 42% do orçamento da União é destinado, todos os anos, para o pagamento de juros e amortizações da dívida pública. Essa dívida nunca sofreu uma auditoria séria e detalhada como previsto na Constituição Federal – artigo 26 do ADCT e aprovado no Plebiscito Popular da Dívida Externa, realizado no ano de 2000.

Para ter-se uma base de comparação, a porcentagem destinada à saúde e à educação, juntas, gira em torno de 7% a 8% do orçamento anual da União. De acordo com Eustáquio Vieira Santos, sec. de imprensa do SEEBI, “analisando essas porcentagens é possível entender que a solução proposta para resolver a crise: corte de gastos em educação e saúde, defendida pelo governo interino de Michel Temer, não resolveria o problema. Por outro lado, realizar uma auditoria séria e completa da dívida pública e acabar com a sangria causada pelos bancos e rentistas se mostra ser um caminho mais acertado”.

Iniciativas populares, como o movimento “Auditoria Cidadã da Dívida”, tentam realizar uma auditoria total da dívida desde o plebiscito popular. Essa dívida é, sem dúvida, um dos principais impedimentos para que o país alcance uma real justiça social e um desenvolvimento sustentável.

Os bancos tiveram lucros exorbitantes durante todas as crises internacionais das últimas décadas. Muitos banqueiros e especuladores foram, inclusive, acusados de ajudar a provocar essas crises. Portanto, esses lucros não foram somente uma coincidência para os banqueiros. Especulações, manipulações financeiras e todo tipo de falcatura são utilizados para potencializar os lucros dos bancos e, conseqüentemente, prejudicar boa parte da população.

Quem paga a conta

A população, em geral, é a que mais sofre nas mãos dos bancos. Cobranças de taxas, tarifas e comissões absurdas, juros estratosféricos, quase impagáveis, são algumas das ferreamentas que os bancos usam para explorar, ao máximo, o cidadão. E os governos, assim como organizações de defesa do consumidor, dificilmente conseguem lutar contra esse abuso gritante.

As taxas de juros absurdas que são aplicadas no Brasil não são uma fatalidade. Não existe motivo justo para que elas sejam tão altas. Isso só acontece para beneficiar, ainda mais, os bancos e alguns poucos rentistas. A população não é obrigada a aceitar isso. O povo tem o direito de exigir que as autoridades revejam a política de juros do país e exigir dos bancos taxas mais realistas e justas. Porque se o povo aceita esse crime calado, os bancos vão continuar com essa mesma posição, indefinidamente.

Se a população realmente soubesse como funciona o sistema bancário e o impacto que ele tem na humanidade e no planeta,

haveria uma revolta mundial que mudaria radicalmente o curso da História e do próprio sistema capitalista. A realidade é que os bancos matam mais pessoas do que qualquer vírus ou bactéria.

Alguns países nórdicos, onde imperam as “sociais democracias”, são exemplos de como os bancos podem ser usados para servir à população, e não o contrário. Contudo, esse “modelo” não interessa aos banqueiros que, ano após ano, veem os seus lucros aumentarem, exponencialmente, às custas do sofrimento de bilhões de pessoas em todo mundo.

Os banqueiros são reis. E o Brasil foi entregue a eles, de bandeja, pelo “governo” golpista. Hoje, o Banco Central do Brasil é literalmente comandado por um banqueiro, que representa os interesses dos grandes bancos, nacionais e estrangeiros. Até quando a população vai continuar aceitando tudo isso? Está claro que quando o povo finalmente cansar de pagar para ser explorado e oprimido, a “primavera” dos bancos acabará.

ILUSTRAÇÃO ABOCANHANDO



Sindicato dos Empregados em
Estabelecimentos Bancários de
Ipatinga e Região

Rua Jacarandá, 612 - Horto - Ipatinga/MG
Telefax: (31) 3824-8572 / 3824-8978
www.bancariosipatinga.com.br

Presidente: José Carlos Bragança
Secretário de Imprensa: Eustáquio Vieira Santos
Diagramação e Impressão: Scrithos Gráfica
Tiragem: 800